

Portugal na Grande Guerra: representações fotográficas da frente colonial na *Ilustração Portuguesa* (1914-1918)

Portugal en la Grande Guerra: las representaciones fotográficas de la frente colonial en la revista *Ilustração Portuguesa* (1914-1918)

Jorge Pedro SOUSA¹
Helena LIMA²

Resumo: Portugal entrou oficialmente na Grande Guerra em 1916. O novo regime republicano português, implantado em 1910, procurava, desde 1914, levar o país para a guerra para se legitimar internacionalmente e para assegurar e a manutenção de um império colonial, o que implicava a defesa das colónias, acossadas por forças germânicas desde o início do conflito (1914). Assim, as tropas portuguesas combateram em três frentes: a Europa; o Atlântico; e a África. O propósito desta pesquisa é descrever como a mais importante revista ilustrada portuguesa do período da Grande Guerra (1914-1918), a *Ilustração Portuguesa*, usou as fotografias para cobrir a frente colonial. Para o efeito, recorreu-se a uma análise qualitativa do discurso da revista. Essa análise, desenvolvida a um nível heurístico, atentou nos *significados* que, macroscopicamente, possam ter sido sugeridos pelas fotografias e pelo texto que as acompanhava. Concluiu-se que o viés da cobertura assentou na glorificação do soldado português e na justificação e legitimação do colonialismo.

1 Professor catedrático de Jornalismo na Universidade Fernando Pessoa (Porto, Portugal) e pesquisador do Centro de Investigação Media e Jornalismo (Lisboa, Portugal). Agregado (livre-docente) e doutor em Jornalismo. Email: jorgepedrosousa@gmail.com

2 Professora auxiliar da Universidade do Porto e pesquisadora do Centro de Investigação Media e Jornalismo (Lisboa, Portugal). Doutora em Jornalismo. Email: hllima@letras.up.pt

Palavras-chave: Grande Guerra; Portugal; fotografia; fotojornalismo; *Ilustração Portuguesa*.

Resumen: Portugal entró oficialmente en la Primera Guerra Mundial en 1916. El nuevo régimen republicano portugués (desde 1910) trató de llevar al país a la guerra para legitimarse a nivel internacional y para garantizar el mantenimiento de un imperio colonial, lo que obligó a la defensa de las colonias, acosadas por las fuerzas alemanas desde que la guerra empezó, en 1914. Por lo tanto, las tropas portuguesas lucharon en tres frentes: Europa; el Atlántico; y África. El propósito de esta investigación es describir como la más importante revista ilustrada portuguesa de la época de la Primera Guerra Mundial (1914-1918), la *Ilustração Portuguesa*, utilizó las fotografías para hablar de la guerra en el frente colonial. Para ello, se utilizó un análisis cualitativo del discurso de la revista. Este análisis, desarrollado a nivel heurístico, se centró en los significados que, macroscopicamente, pueden haber sido sugeridos por las fotografías y el texto que las acompañaba. Se concluyó que el sesgo de la cobertura se centró en la glorificación del soldado portugués y en la justificación y legitimación del colonialismo.

Palabras clave: Primera Guerra Mundial; Portugal; fotografía; fotoperiodismo; *Ilustração Portuguesa*.

Introdução

Portugal envolveu-se oficialmente no primeiro conflito mundial após a declaração de guerra da Alemanha, a 9 de Março de 1916, em resultado da apreensão dos navios germânicos refugiados nos portos portugueses, a pedido de Inglaterra. No entanto, o governo republicano³ português afirmava desde o verão de 1914 a sua lealdade para com os britânicos, ao abrigo da mais antiga aliança do mundo⁴.

Ao contrário da sua vizinha Espanha, dificilmente Portugal poderia sustentar uma estratégia de neutralidade na Grande Guerra, pois as suas colónias africanas estavam sob ameaça direta da Alemanha, que almejava construir um império colonial que lhe garantisse o mes-

3 A República Portuguesa tinha sido proclamada apenas quatro anos antes, a 5 de Outubro de 1910, na sequência de uma revolução, e a posição republicana não era segura. Registaram-se várias sublevações monárquicas ao longo da I República (1910-1926) e os monárquicos mantiveram-se politicamente ativos, ainda que a sua ação fosse constrangida pelas leis que o regime republicano implantou (contra o espírito daquelas que tinham sido as próprias reivindicações republicanas durante o período de agonia da monarquia, entre 1890 e 1910).

4 A aliança luso-britânica data formalmente da assinatura do Tratado de Windsor, a 9 de Maio de 1386.

mo grau de prosperidade de que beneficiavam a França e, principalmente, a Inglaterra. Aliás, as colónias portuguesas de Angola e Moçambique, que confinavam, respetivamente, com as colónias alemãs da Namíbia (África Ocidental Alemã) e da Tanzânia (África Oriental Alemã), já estavam a ser acoissadas por forças germânicas desde 25 de Agosto de 1914, apesar de não existir um estado oficial de guerra entre Portugal e a Alemanha. Por isso, a 11 de Setembro de 1914, embarcou para as colónias africanas o primeiro contingente especial de tropas portuguesas. Foi seguido por outros, que tomaram parte em combates de pequena escala contra os germânicos em Angola e em Moçambique, apesar de não existir um estado de guerra formal entre Portugal e a Alemanha até 9 de Março de 1916.

Levando o país para a guerra, o governo português, com esse gesto de amizade para com Inglaterra, evitou, desde logo, uma intervenção da Espanha monárquica em Portugal, que se desenhava desde a revolução republicana de 5 de Outubro de 1910. Obteve, igualmente, uma maior legitimidade nacional e internacional para a nova República Portuguesa. Finalmente, assegurou o contributo britânico para a defesa do império colonial português e a manutenção dos territórios coloniais no pós-guerra. (RAMOS, coord., SOUSA e MONTEIRO, 2009, p. 605-606)

Cerca de trinta mil soldados portugueses e auxiliares africanos lutaram nas colónias, onde os sucessivos governos portugueses intensificaram a ocupação militar do sul de Angola⁵ e do norte de Moçambique. A confrontação luso-alemã em África perdurou até ao final da Grande Guerra.

O propósito desta investigação foi descrever como a mais importante revista ilustrada portuguesa do período da Grande Guerra, a *Ilustração Portuguesa*⁶, usou

5 A campanha em Angola, destinada não só a debelar as incursões alemãs mas também a reprimir as revoltas nativas instigadas pela Alemanha, foi sangrenta. As tropas portuguesas receberam ordem para matar os nativos revoltosos com mais de dez anos (Ramos, coord., Sousa e Monteiro, 2009: 607).

6 A revista semanal *Ilustração Portuguesa*, sobre a qual incide a presente investigação, foi publicada, a partir de 1903, pela empresa do jornal *O Século*, um periódico republicano, sob a direção dos jornalistas Carlos Malheiro Dias (até 1910) e Silva Graça (1910-1922), entre outros. Apresentava-se sob o lema “Revista Semanal dos Acontecimentos da Vida Portuguesa”, apesar de incluir bastante informação internacional. Cobria a sociedade, a política, as artes, o desporto e as relações internacionais, entre outros assuntos. A 2 de Maio de 1917, a revista anunciava que tinha uma tiragem de 25800 exemplares, que não podia aumentar, apesar da procura, devido ao preço do papel e à sua carência no mercado.

Os números publicados entre 1914 e 1918 e analisados nesta investigação são da segunda série desta revista, de formato 28 cm X 18 cm e 32 páginas. O periódico inseria abundantes gravuras e fotografias,

as fotografias para cobrir a frente colonial do conflito e dar-lhe significado.

O tema da presente investigação não foi, até à data, objeto de pesquisa em Portugal. Todavia, noutros países a cobertura visual da Grande Guerra foi investigada (GERVERAU, 1987, 2006; CARMICHAEL, 1989; EISERMANN, 1998; SPENCER, 1999; GERHARD, 2004; BEURIER, 2004, 2005, 2007a, 2007b...), pois a conflagração foi um dos primeiros conflitos cobertos por um grande número de fotógrafos, tendo gerado uma enorme quantidade de imagens (GRIFIN, 1999, p. 122-123). O fotojornalismo ainda não se tinha instituído como profissão, mas isso não foi obstáculo para soldados e civis, fotógrafos profissionais e amadores, propagandistas das forças armadas e jornalistas registarem visualmente o conflito, mesmo que sujeitos aos condicionismos levantados pela censura e pelos serviços de propaganda (GRIFIN, 1999, p. 122-123).

Segue-se neste estudo uma estratégia metodológica assente numa análise predominantemente qualitativa e heurística, macroscópica, do discurso fotográfico da *Ilustração Portuguesa* sobre a frente colonial na Grande Guerra, cujos resultados foram interpretados desde um ponto de vista cultural e confrontados com o conhecimento historiográfico sobre o período selecionado.

As imagens da frente colonial portuguesa na Grande Guerra

As imagens dão conta dos “heróis” da pátria que iam combater em África pela manutenção do domínio de Portugal nas suas colónias (figs. 1, 2) e dos momentos “emocionantes” da sua partida de Lisboa (figs. 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11). Os planos gerais das tropas concentradas e dos civis que as vitoriam ou delas se despedem sugerem força; o embarque suscita a ideia de eficácia. A presença da bandeira (fig. 3) ou do escudo (fig. 8) evocam a condição militar e o patriotismo dos soldados – são representantes armados da pátria, o braço armado português. É sintomático que muitas das fotografias sobre os acontecimentos em África tenham sido obtidas em Lisboa, maioritariamente por um único fotojornalista, o progenitor do fotojornalismo em Portugal, Joshua Benoliel. As dificuldades de envio das imagens eram enormes e os transportes reduzidos ou quase inexistentes.

Outras imagens registam os momentos da viagem para as colónias e as tradições marítimas, como o

com preponderância destas últimas. A imagem ocupava cerca de 70% da superfície da revista, de acordo com a contabilização de Proença e Manique (1990, p. 14).

do julgamento daqueles que passavam pela primeira vez pelo Equador. De certa forma, essas fotografias, da autoria de fotógrafos militares amadores, insinuavam ao leitor que o estado de espírito das tropas portuguesas a caminho de África era bom e descontraído (fig. 9).

São, possivelmente, mais uma vez as ideias de força e eficácia que são sugeridas pelas fotografias da chegada às colónias, da instalação e da partida das forças portuguesas, já em África, para irem ao encontro – por vezes com o concurso de auxiliares africanos – dos invasores alemães e dos africanos rebeldes (figs. 12, 15, 17, 18, 19, 21, 30, 31, 32, 33). Outras imagens, para um leitor do século XXI, suscitam, anacronicamente, a ideia de exploração dos africanos, usados pelos colonialistas portugueses como carregadores, criados e forças auxiliares (figs. 21, 22, 26; 28); para um leitor do início do século XX, essas imagens possivelmente não corresponderiam a mais do que o esperado.

Imagens dos combates em África, não as há na *Ilustração Portuguesa*. Há *imagens de substituição* que representam os locais onde os combates tiveram lugar (figs. 13, 25) e fotografias, por vezes chocantes, das consequências da conflagração – os feridos (fig. 13, 36), os mortos e desaparecidos (fig. 13, 29), a destruição (figs. 24, 25), o aprisionamento de africanos (figs. 23, 38), a fome entre os povos angolanos afetados pelas lutas entre colonialistas portugueses e alemães (figs. 24, 37), a perda de material de guerra (fig. 39)... Mas também havia hospitais onde os feridos seriam bem tratados, conforme sugerem as fotografias (fig. 40). Os alemães que viviam nas colónias portuguesas, estes eram internados em lugares apropriados, mas, de acordo com a mensagem visual difundida pela *Ilustração Portuguesa*, gozariam de um tratamento humanitário (fig. 14).

Apesar das imagens esporádicas relativas às notícias de combates e da partida de tropas para África (figs. 10, 11, 35), as restantes fotografias sobre a “frente colonial” inseridas na *Ilustração Portuguesa*, dão conta do “jubiloso regresso dos heróis” ao seu país e das homenagens que lhe foram prestadas (figs. 41, 42, 43), mesmo postumamente (fig. 44). Eles tinham, afinal, segundo a proposta de leitura do mundo feita pela *Ilustração Portuguesa*, cumprido o seu dever para com a pátria. Graças a eles, intui-se também, Portugal teria dominado os alemães e os africanos insubmissos e poderia, com alguma tranquilidade, continuar a explorar as suas colónias africanas e os respetivos habitantes. Portanto, a partir de Setembro de 1915, algumas das matérias ilustradas sobre a África portuguesa publicadas na referida revista podem classificar-se como “notícias da normalidade”, tranquili-

zadoras dos espíritos – são as notícias sobre as atividades das forças armadas no terreno (*ocupação efetiva do território e segurança*), os costumes africanos, a ocidentalização de África, as nomeações e viagens de governadores, a exploração do território, as alianças táticas com os povos submetidos, a construção de infraestruturas, etc. (figs. 34, 45, 46, 47, 48, 49, 50)... E ainda a notícia da retoma



Fig. 1 – A primeira notícia da preparação de expedições militares portuguesas a Angola e Moçambique surge, na *Ilustração Portuguesa*, a 24 de Agosto de 1914. Trata-se de uma notícia de nomeação dos chefes militares das expedições – Alves Roçadas e Massano d’Amorim. As fotografias escolhidas para ilustrar a informação escrita são *mug shots* dos dois comandantes. Também eles parecem ostentar uma auréola de determinação, desafio e intrepidez. Como não confiar em tais “heróis”? – parecem interrogar as fotos. Estas imagens, como outras similares, contribuem simbolicamente para a construção de uma perspetiva da guerra como uma epopeia na qual participam cavalheiros aventureiros mitificados como heróis. (24 de Agosto de 1914).

EXPEDIÇÃO A MOÇAMBIQUE



Fig. 2 – No número de 7 de Setembro de 1914, a *Ilustração Portuguesa* já mostrava, através de várias *mug shots*, quem seriam os oficiais “heróis” e “garbosos” que liderariam as expedições militares portuguesas a Angola e a Moçambique. A revista também já sabia – e noticiava-o – que seria o paquete “Moçambique” (na imagem) a levar as tropas. É de salientar o esforço despendido pela revista para a obtenção de fotografias dos militares envolvidos na missão.



Fig. 3 – Esta fotografia do desfile das tropas que partiam para Angola é profundamente simbólica, já que sintetiza emblematicamente toda uma situação – os soldados partem para servir a sua bandeira, ou seja, metaforicamente, para cumprir o dever patriótico de servir o seu país, apoiando-se mutuamente enquanto camaradas de armas. (16 de Novembro de 1914)



Fig. 4 – Tropas portuguesas destinadas a África desfilam em Lisboa. As imagens da mobilização de forças repetiam-se, agora em Portugal. Fotografia do “pai” do fotojornalismo português, Joshua Benoliel. (21 de Setembro de 1914)



Fig. 5 – Desfile de tropas destinadas às colónias entre uma massa de povo. Trata-se de mais uma fotografia de Joshua Benoliel altamente simbólica, pois destina-se a evocar – tanto mais que é impossível reconhecer expressões individuais num plano geral – o apoio popular ao envio de soldados para combater os alemães que invadiam Angola e Moçambique. O enquadramento institucional não é esquecido. O fotógrafo representa o momento usando como enquadramento os edifícios governamentais que qualquer português reconhece. O que poderá ter sido apenas um artifício estético do fotógrafo para centrar a atenção do leitor no motivo da imagem converte-se metaforicamente num emolduramento político da ação representada. A fotografia parece efetivamente transmitir a ideia de que o governo tem legitimidade para exercer o seu poder político em defesa do país e da ordem do estado. (16 de Novembro de 1914)



Fig. 6 – A evocação do momento da partida dos soldados para a frente de batalha é uma constante da cobertura visual informativa de guerra. De navio, de comboio, mais modernamente de avião, essas imagens testemunham um momento de despedida e sacrifício – o momento em que os soldados partem sem saberem se voltarão vivos da missão que lhes foi imposta pelos governantes. Não se vislumbram, na imagem, soldados sorridentes – o plano geral escolhido pelo fotógrafo, Joshua Benoliel, antes sugere tensão e angústia – a angústia dos que partem e a angústia dos que ficam.

Sintomaticamente, é um navio inglês a transportar as forças portuguesas para África. Portugal, pobre e arruinado, nem sequer tinha navios suficientes para assegurar que as suas tropas conseguiriam chegar ao continente africano. (21 de Setembro de 1914)



Fig. 7 – Esta página diagramada com ritmo e ancorada a fotografias de Joshua Benoliel documenta sinteticamente vários momentos da partida de tropas, num ritual que se vai repetindo – e sendo fotograficamente registado – ao longo do tempo: a revista de despedida, o embarque e a partida. Na década de 1960 imagens muito semelhantes ilustrariam novamente a partida das tropas portuguesas para África, para combaterem na Guerra Colonial, o que demonstra a constância das formas de expressão, dos valores e dos temas fotojornalísticos. (16 de Novembro de 1914)



Fig. 8 – A partida de tropas portuguesas para África foi, pela primeira vez, tema da capa da *Ilustração Portuguesa* a 16 de Novembro de 1914. A legenda da fotografia (da autoria de Joshua Benoliel), colorida artificialmente, é clara quanto ao significado que pretende construir: “Partida do soldado português para defender a Pátria, animando sua velha mãe, encostada ao peito, com um sorriso, misto de ternura, de coragem e da consciência do dever.” Uma imagem de despedida que também é uma constante da cobertura mais ou menos propagandística das guerras mediatizadas do mundo contemporâneo.

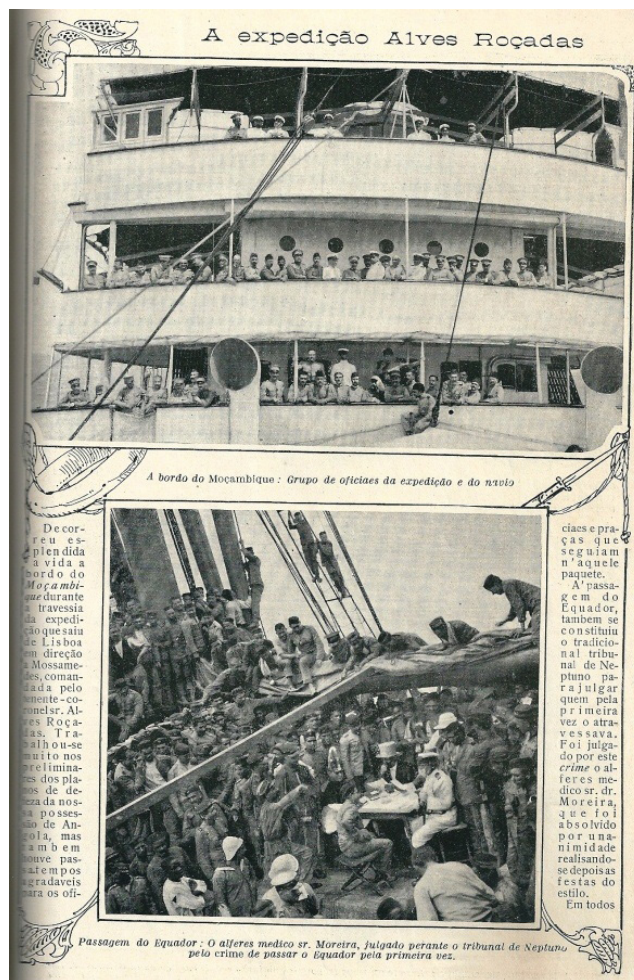




Fig. 9 – Tropas portuguesas a caminho de África. A vida a bordo parece a de um cruzeiro. Um alferes médico é “julgado” em nome de Neptuno por passar o Equador. A atitude é de descontração, mas muitos dos expedicionários morreriam nas colónias.

As fotografias são do capitão de infantaria Domingos Patacho, que com o seu envio à *Ilustração Portuguesa* repetiu um gesto abundantemente ocorrido ao longo da história (lembre-se, desde logo, *A Guerra das Gálias*, de Júlio César): o envio de informações sobre a frente de batalha aos periódicos pelos militares, que frequentemente gabavam os seus próprios feitos, reais ou imaginários (o que não é o caso). (14 de Dezembro de 1914)



Fig. 10 – A partida de tropas para África continuou a ser notícia na *Ilustração Portuguesa* após 1915, como ocorre neste número de 26 de Junho de 1916, para cuja capa foi eleita – *propositadamente* – uma fotografia espetacular de alto impacto de Joshua Benoliel. A partida de novas expedições para Moçambique recordava que a situação estava longe de estar controlada.



Fig. 11 – Nova expedição portuguesa parte para Moçambique. Fotografias de Benoliel que repetem o mesmo tipo de planos usados em ocasiões similares: planos gerais das tropas aglomeradas nos cais, junto dos navios, e dos embarques das bagagens, dos equipamentos e das cavalgaduras, e planos de conjunto de situações peculiares, normalmente abordados num estilo “cândido”. Na segunda imagem deve notar-se o aproveitamento expressivo das linhas de perspetiva que, além de transmitirem a sensação de profundidade, direcionam o olhar do leitor para o motivo principal: os dois oficiais a conversar, enquadrados, em segundo plano, pelo navio e pelas tropas alinhadas e expectantes. (5 de Março de 1917)



Fig. 12 – Tropas portuguesas em Moçâmedes, no sul de Angola. As imagens sugerem a renovação da reivindicação de soberania total de Portugal sobre a sua colónia de Angola frente aos ataques alemães. Mas também transmitem sensações de normalidade, de força e de eficácia. Os soldados reuniram condições para se apresentarem sorridentes ao rancho. Brevemente amargurariam a sua presença em África. (7 de Dezembro de 1914)

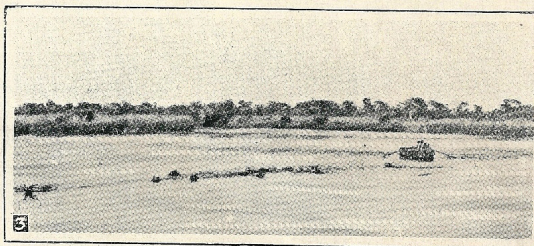
Os alemães investem contra um forte de Angola

Os alemães que, apesar das suas vaidosas atitudes guerreiras, só se sentem fortes quando o seu numero de homens é superior ao do inimigo, praticaram mais uma das suas façanhas, atacando o posto militar de Cuangar, que dista cerca de 400 quilómetros do forte de Nauila. A guarnição do posto era pequena, pois se compunha apenas de 2 officiaes, 4 sargentos, 18 cabos e soldados europeus e 63 solda-

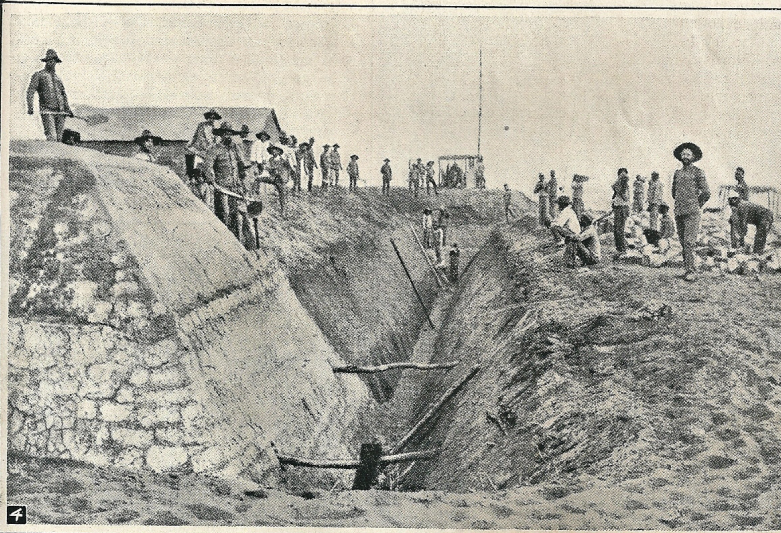


1. O tenente de infantaria, sr. Joaquim Ferreira Durão, capitão-mór do Baixo Cubango, morto no Cuangar. 2. O tenente de infantaria, sr. Henrique José de Sousa Machado, desaparecido no Cuangar e que se supõe tenha sido assassinado

dos e cabos indígenas, espalhados por varios pontos da fronteira e destinados a manter a nossa soberania entre os indígenas das duas margens do Cubango e em toda a região do Baixo Cubango. Reduzidissima, como se vê, a guarnição d'aquelle posto; mas os nossos soldados, que em todos os tempos se tem mostrado de tanta coragem que algumas vezes tem causado verdadeiro assombro, repetiram os seus atos de bravura repellido com energia a brutalidade dos alemães, que tiveram de voltar ás suas fronteiras, sempre per-



O rio Cubango em frente do posto de Cuangar



A fortificação do posto militar de Cuangar

Fig. 13 – A primeira notícia concreta de combates nas colónias registada pela *Ilustração Portuguesa* diz respeito a um ataque alemão ao forte de Cuangar, no sul de Angola, em frente ao rio Cubango. Não existindo tendo imagens dos combates, a revista publicou *imagens de substituição*, possivelmente fotografias de arquivo que mostram aspetos do forte e do seu enquadramento paisagístico. Pela primeira vez também, a revista publica fotografias de mortos e desaparecidos em combate portugueses. A conflagração vertia sangue lusitano. (30 de Novembro de 1914)

Internados alemães em Lourenço Marques



Uma das avenidas feitas pelos internados em Moçambique

ocupados o mais possível em trabalhos úteis e muito bem tratados. Devido à generosidade do ilustre chefe do estabelecimento, sr. capitão Sant'Ana Cabrita, o mesmo colaborador sr. Adélino d'Almeida pôde tirar d'eles os «clichés» que aqui publicamos.

Os internados alemães esperando o rancho.

Em Lourenço Marques encontram-se internados cerca de 500 alemães, na maioria antigos colonos da província, e outros das tripulações dos navios requisitados pelo governo, e que são

A guarda republicana que vai render os adiaços e reservistas

Internados alemães jogando o Foot-ball

A defeza de Angola contra os alemães

Os alemães talarão novamente o nosso território de Angola, realizando os seus planos hostis e ambiciosos de muitos anos. Desde longa data que eles acumulam na sua colónia de sudoeste muitas tropas e material de guerra, sobressaindo artilharia grossa. A fera tinha bem preparado o salto que

oferecesse a ambos os combatentes a igualdade de circunstâncias.

Mas ainda assim se lutou, ainda se sacrificaram vidas, porque o português nunca foge mesmo diante d'estas surpresas traiçoeiras, a que os outros devem os seus efêmeros triunfos.

E lutou-se com bravura, procurando-se ao mesmo tempo posições seguras que permitissem ir contendo as tres poderosas colunas invasoras, enquanto não chegavam reforços.

Houve mortos, feridos e desaparecidos, felizmente em pequeno numero, em numero muito inferior ao que se podia presumir, dadas as circumstancias excepcionaes em que se efetuou esse inesperado recontro.

Por ora está apenas averiguado o que diz respeito á baixa de officiaes.

Morreu o capitão de infantaria sr. Artur Homem Ribeiro, ferido mortalmente no combate com os alemães. O tenente de infantaria sr. Artur Homem Ribeiro, ferido mortalmente no combate com os alemães.



O capitão de infantaria sr. Artur Homem Ribeiro, morto no combate com os alemães. O capitão de infantaria sr. Albano de Melo, ferido mortalmente no combate com os alemães. O tenente de infantaria sr. Artur Homem Ribeiro, ferido mortalmente no combate com os alemães.



O esquadrão de dragões do planalto de Huila que deu uma carga brilhante nos alemães

de fortes marchas que os nossos soldados acabam de fazer, ao passo que os alemães entravam em combate com o cansaço e mais recursos de uma longa preparação, estando já afeitos a um clima tão adverso ao soldado europeu. Não havia que dividir sobre o êxito d'uma luta que se acceitasse com essa massa esmagadora em terreno que

feridos, sem gravidade, o tenente, sr. José Tristão de Benedito, o alferes sr. Amadeu Gomes de Figueiredo e o capitão sr. Albano de Melo Ponto Veloso, todos d'aquelle mesmo regimento. O tenente sr. Antonio Rodrigues Marques ficou prisioneiro e desapareceram o tenente de cavalaria sr. Francisco Xavier da Cunha Aragão e

Um exercício de artilharia antes da partida para o campo das operações



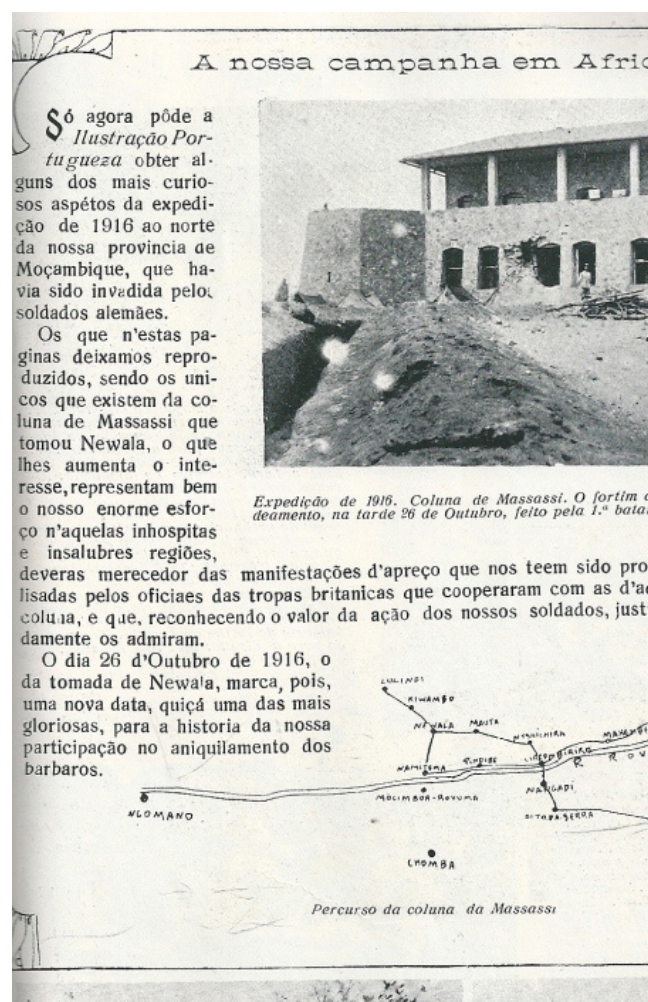
os alferes srs. Joaquim Maria Alves, de cavalaria, e Raul José de Andrade, do quadro auxiliar. Nada mais se sabe, sendo justificada a ansiedade com que se esperam pormenores do combate e a lista completa das baixas que aliás não devem ser muitas, continuando a ser bom o estado de espirito das nossas tropas que almejam por tirar a desforra. Impõe-se, realmente, vingar quanto antes o procedimento inqualificável das tropas alemãs, que naturalmente ainda a estas horas estão acampadas em territorio por-

1. A 15.ª companhia de Moçambique actualmente no sul d'África — 2. Officinas da 15.ª companhia expedicionaria de Moçambique no campo das operações — 3. Um acampamento no Cuzimato

Fig. 14 — Tal como tinha acontecido em Portugal, os alemães que por algum motivo se encontravam nas colónias portuguesas em África quando foi proclamada a declaração de guerra da Alemanha a Portugal foram internados em campos de concentração, onde, segundo a *Ilustração Portuguesa*, eram “ocupados o mais possível em trabalhos úteis e muito bem tratados”. Podiam descontraír e até jogar futebol. (7 de Maio de 1917)



Fig. 15 – Estas quatro páginas da *Ilustração Portuguesa* dedicadas aos combates em Angola sintetizam o tipo de cobertura imagística que a revista produziu sobre a campanha portuguesa em África: não havendo imagens dos combates, mostraram-se imagens das formações de tropas, de algumas operações de campo, dos grupos de oficiais sorridentes, das fortificações e da paisagem circundante... ainda que, embora por motivos diferentes, a cobertura não seja muito diferente das primeiras fotografias de uma campanha militar, realizadas por Roger Fenton durante a guerra da Crimeia (1853-1856). No entanto, a consonância é refreada pela presença de retratos evocativos de oficiais mortos, feridos, desaparecidos ou aprisionados. (11 de Janeiro de 1915)



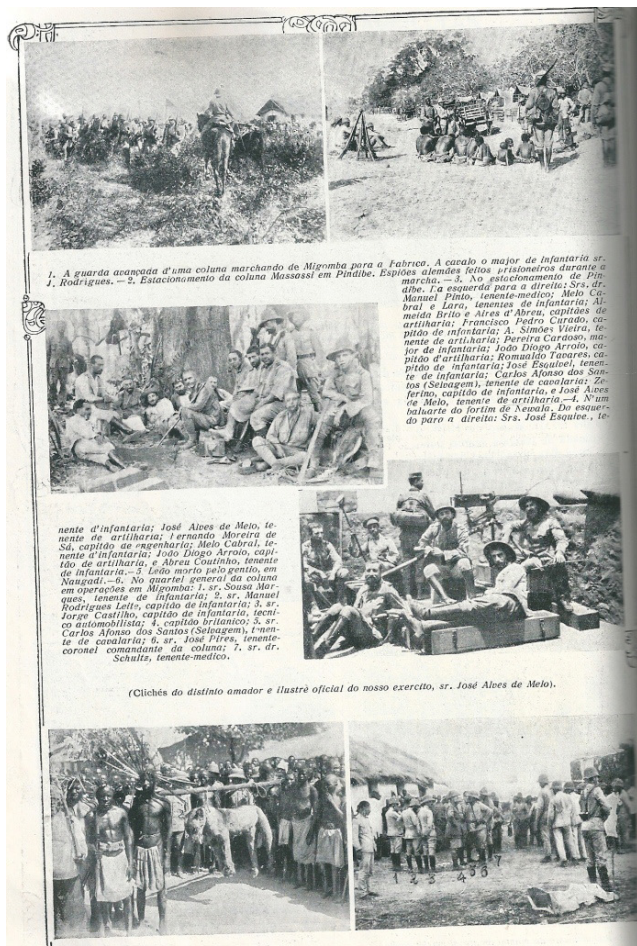


Fig. 16 – Estas duas páginas da *Ilustração Portuguesa* evocativas da campanha militar realizada pela coluna de Massassi que tomou Newala, em Moçambique, a 29 de Outubro de 1916, foram publicadas somente em Junho de 1918, talvez porque foi nessa altura que o fotógrafo – o oficial do exército José Alves de Melo (mais um “soldado-repórter”) – terá regressado ao país, tendo, então, remetido as imagens para a revista. As fotografias – habilmente casadas com um mapa num género antecedente das atuais infografias – documentam diversos aspetos da vivência africana das tropas coloniais portuguesas – os momentos de bivaque, os momentos de patrulha, o alistamento de africanos como força armada ao serviço dos colonialistas, as instalações, a caça ao leão e até o aprisionamento de africanos tidos por espiões dos alemães (segunda fotografia da segunda página), incluindo, aparentemente, crianças e jovens. Alguns deles aparentam estar indigna e degradantemente presos uns aos outros com cordas ao pescoço, quase como se fossem escravos. A revista elogiava, porém, as tropas portuguesas, lembrando, como *argumento de autoridade*, a apreciação positiva que os ingleses fariam das forças portuguesas: “O que nestas páginas deixamos reproduzido (...) representa bem o nosso enorme esforço naquelas inóspitas e insalubres regiões deveras merecedor das manifestações de apreço que nos têm sido prodigalizadas pelos oficiais das tropas britânicas que cooperaram com as daquela coluna e que reconhecendo o valor da ação dos nossos soldados justificadamente os admiram.” (24 de Junho de 1918, p. 495)



Fig. 17 – Cavalaria portuguesa parte do Lubango para o Cuamato, em Angola. Obtidas por fotógrafos militares ou civis, profissionais ou amadores, as fotografias das movimentações das tropas no teatro de operações (quer no teatro de guerra europeu, quer no teatro de guerra colonial) aparecem repetidamente nas páginas da *Ilustração Portuguesa* ao longo da Grande Guerra, escasseando, por outra parte, fotografias dos combates (há, porém, ilustrações evocativas dos mesmos). Esta imagem, por exemplo, foi creditada pela revista ao “fotógrafo amador” Teles Grilo. (25 de Janeiro de 1915)



Fig. 18 – Ainda que mal equipadas, as forças portuguesas possuíam alguns meios mecanizados em Angola. A fotografia pode ser usada como *documento e prova*. (3 de Maio de 1915)



Fig. 19 – O recrutamento de voluntários nas colónias – brancos e negros – foi uma das maneiras que os portugueses encontraram para combater os alemães. Na imagem surgem alguns dos voluntários de Benguela no pátio da fortaleza dessa cidade. A fotografia aqui reproduzida, da autoria do “fotógrafo amador” Tibério de Oliveira, foi retocada aquando da sua reprodução, conforme se nota ao atentar-se na figura do homem mais à esquerda da última fila da formação. (8 de Fevereiro de 1915)



Fig. 20 – Oficiais portugueses posam com africanos. Na legenda da fotografia, realizada pelo tenente Balaya, apenas são sintomaticamente identificados pelos nomes e postos os portugueses, pelo que se desconhece quem são e por que razão surgem os dois africanos na imagem. (3 de Maio de 1915)

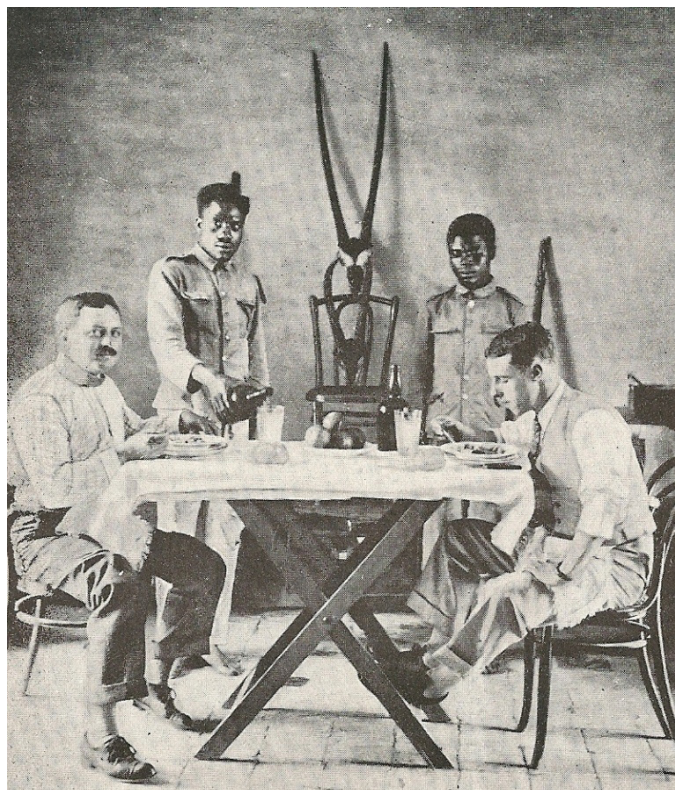


Fig. 21 – Oficiais portugueses em Angola são servidos por soldados africanos em Angola. Mesmo que não tivesse sido intencional, a fotografia tem uma conotação racista. Indicia, em acréscimo, as relações de poder que à época existiam nas colónias e a vida facilitada (ainda que não *fácil*) de que usufruíam as autoridades coloniais, mesmo os soldados. (1 de Março de 1915)



Fig. 22 – Forças auxiliares africanas em Angola. Conforme revela a legenda da imagem, eram pagas com carne. O seu equipamento consistia, basicamente, num casaco militar que os identificava como auxiliares do exército português. Sem equipamento, mal treinados, os soldados das forças auxiliares africanas eram usados essencialmente em tarefas braçais ou como carregadores, guias e observadores. Aos olhos dos portugueses que contemplavam estas imagens pouco mais seriam, certamente, que bons selvagens. (29 de Março de 1915)



Fig. 23 – Forças portuguesas e forças auxiliares africanas com prisioneiros nativos. Depois dos combates contra os alemães, Portugal enfrentou, tirando partido das divisões entre as tribos, insurreições de alguns dos povos colonizados. Fotografias como esta, decerto, tranquilizariam os espíritos dos portugueses – assinalam que a “ordem” nas colónias estava a ser reposta. Mas o que se mostra omite o que se não mostra – as torturas, as violações, as execuções (inclusivamente de crianças) perpetradas pelos portugueses sobre os colonizados insubmissos. (6 de Setembro de 1915)

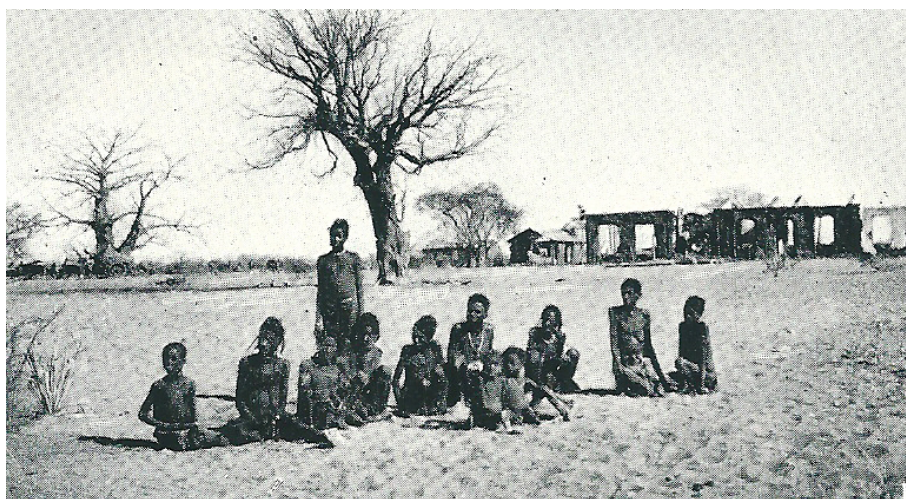


Fig. 24 – Segundo a *Ilustração Portuguesa*, a fotografia mostra “indígenas” do Humbe “famintos”, fotografados em frente a um entreposto comercial português “destruído pelo gentio”. A fotografia de grupo desvaloriza simbolicamente os africanos fotografados, que, despidos, possivelmente pouco mais pareceriam do que selvagens aos olhos dos portugueses do início do século XX. A casa destruída é associada aos africanos que surgem na fotografia pela presença de ambos os motivos na imagem, apesar de não se saber se o entreposto comercial foi destruído por eles. A *Ilustração Portuguesa* escrevia que eles tinham fome – e de alguma maneira parece que aponta a rebelião e a destruição como motivos da desnutrição das pessoas da imagem. (6 de Setembro de 1915)



Fig. 25 – Forte do Humbe destruído por africanos rebeldes. Se por um lado a fotografia terá suscitado a ideia de que a colonização era, apesar de tudo, perigosa, e que haveria sempre povos insubmissos que não se submeteriam facilmente à autoridade dos colonizadores, também poderá ter provocado raiva e frustração entre os portugueses, acendendo o desejo de vingança. (6 de Setembro de 1915)



Fig. 26 – Os africanos eram usados pelas tropas portuguesas como carregadores. Uma atitude colonialista por excelência, a atitude de quem se considerava superior, dono e senhor dos povos colonizados. (3 de Maio de 1915)



Fig. 27 – Africanos sujeitos a castigos corporais. A *Ilustração Portuguesa* não apenas documentava iconograficamente esses momentos como também os justificava, num tom tão eloquente que deixa absolutamente às claras o pensamento colonial português sobre os povos africanos no primeiro quartel do século XX: “Duas das fotografias que nesta página publicamos (...) mostram-nos a maneira como foram castigados uns indígenas que roubaram dos sacos que conduziam géneros necessários à alimentação das nossas tropas. Apesar de duros, os castigos corporais são necessários para exemplo duma gente pouco ou nada culta que deixa corromper-se com muita facilidade.” (22 de Julho de 1918, p. 79)



Fig. 28 – Eis outra fotografia altamente simbólica do colonialismo. O governador do Quionga, praça na altura recém-reconquistada aos alemães, é transportado para bordo de uma lancha “às costas de uns pretos”, como dizia a *Ilustração Portuguesa*. (4 de Setembro de 1916)

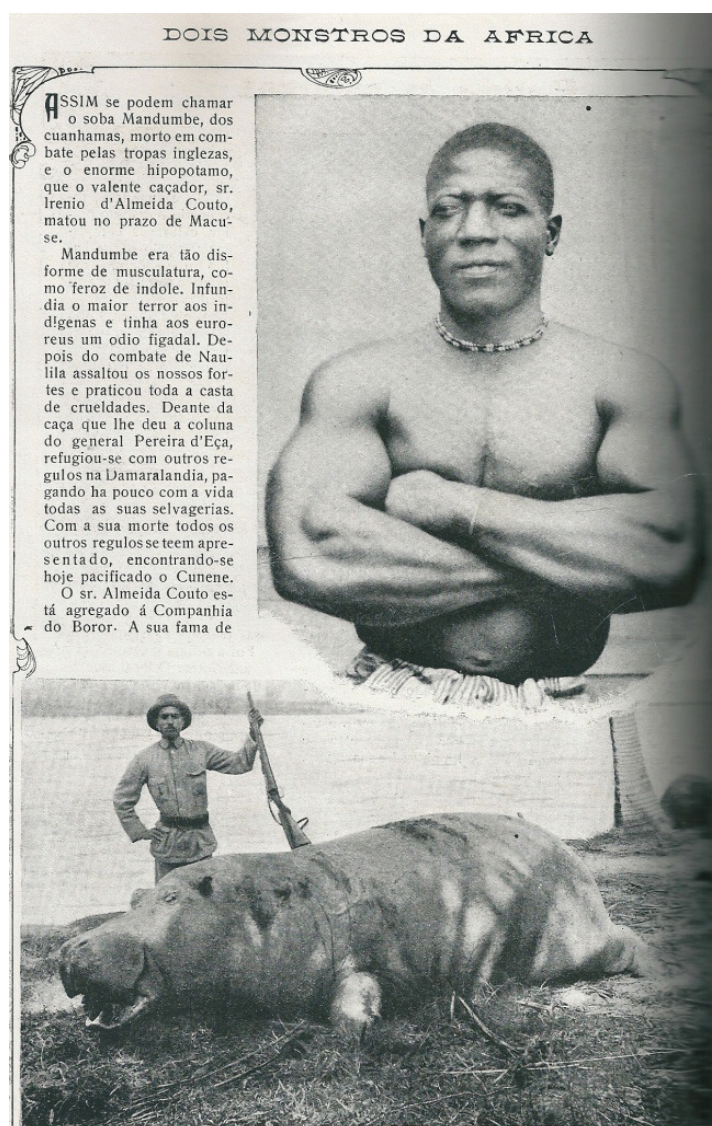


Fig. 29 – Esta matéria ilustra bem a mentalidade colonial e racista portuguesa. Celebrava-se a morte de um musculado líder africano rebelde como se celebrava a morte de um dos muitos animais selvagens dizimados pelos colonos (muito antes do desenvolvimento do ambientalismo): ambos eram “dois monstros da África”. (23 de Abril de 1917)



Fig. 30 – Forças portuguesas atravessam o rio Rovuma na fronteira entre Moçambique e a Tanzânia (África Oriental Alemã). Tornava-se necessário demonstrar que os portugueses também sabiam “passar pontes”, isto é, passar à ofensiva e lutar no próprio território dos seus inimigos alemães. (5 de Março de 1917)

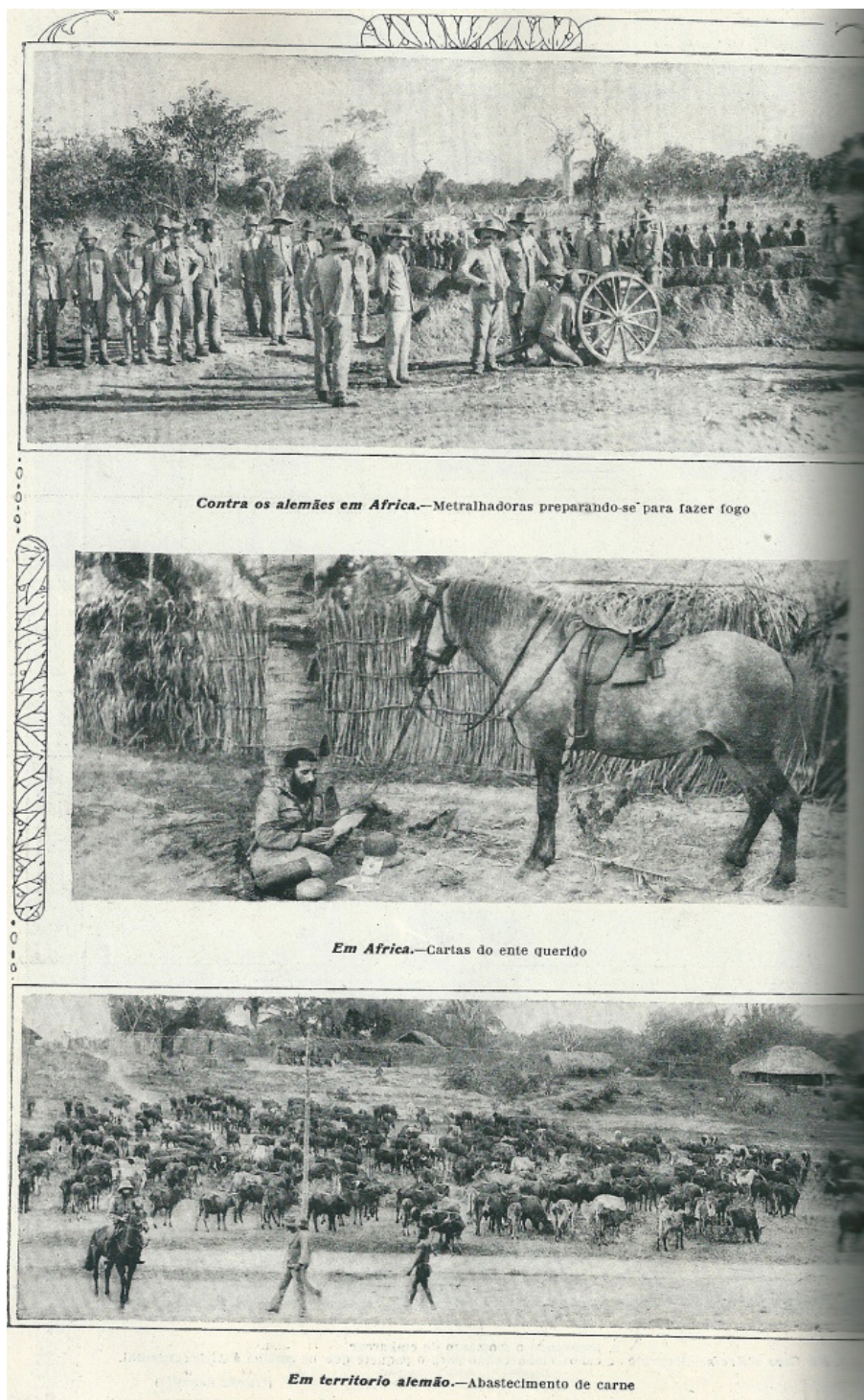
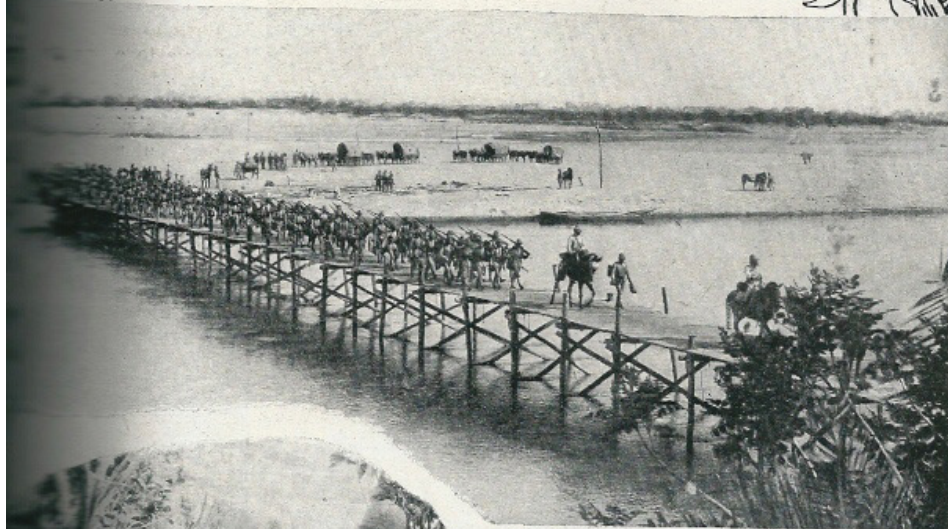


Fig. 31 – Três instantâneos da presença das forças expedicionárias portuguesas na África Oriental (Moçambique e Tanzânia). Uma posição de metralhadoras, um soldado lê uma carta e, simbolicamente, a acreditar na legenda, a captura de gado em território inimigo. (5 de Março de 1917)

COMBATENDO EM AFRICA



1—Infantaria portuguesa atravessando uma ponte sobre o Rovuma.



Não é só em França que estamos combatendo. Também em Africa combatemos entusiasticamente pela patria, a troço de grandes sacrificios de vidas e de dinheiro. O nosso esforço na Europa, ao lado de inglezes e francezes, é brilhante, sem duvida; mas não deve absorver exclusivamente a admiração e o interesse do paiz. E' preciso repartir uma e outro com os que derramam gene-



2—Metralhadora em posição de fogo n'uma das margens do Rovuma

3—Metralhadoras em posição de combate em Migomba (Africa oriental alemã).



Fig. 32 – A 3 de Setembro de 1917 (pp. 195-196), com o foco de atenção do país direccionado para a frente europeia, a *Ilustração Portuguesa* recordava aos portugueses que em África também – e ainda – se combatia. Relembrava-se, na ocasião, o quanto a manutenção de um império colonial seria vital para a importância de Portugal no mundo: “Também em África combatemos entusiasticamente pela pátria, a troco de grandes sacrifícios de vidas e de dinheiro. O nosso esforço na Europa (...) não deve absorver exclusivamente a admiração e o interesse do país. É preciso repartir uma e outro com os que derramam generosamente o seu sangue na defesa do nosso património colonial, que o mesmo é que da nossa autonomia.”

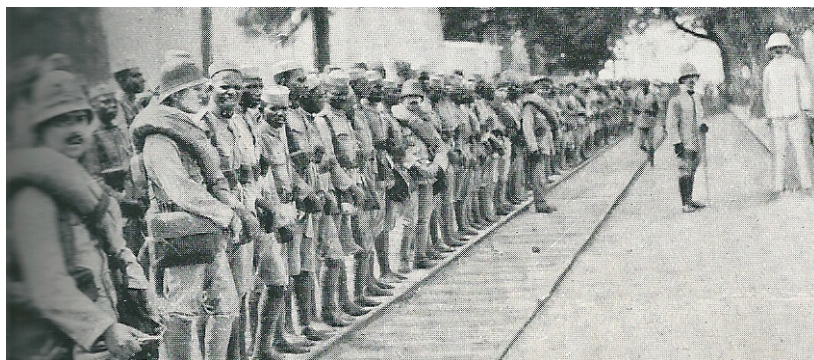


Fig. 33 – Uma companhia de tropas africanas embarca para o norte de Moçambique para fazer frente aos alemães. Documentam as imagens quer o esforço português para recrutar e formar tropas africanas capazes de se defrontarem com os alemães quer a existência de aliados dos colonialistas portugueses entre os africanos, que, ao cumprirem serviço militar, ascendiam à condição de cidadão nacional. A *Ilustração Portuguesa* não lhes poupava elogios: “Não quer a *Ilustração Portuguesa* perder o ensejo que se lhe oferece de prestar homenagem às tropas indígenas que (...) se encontram denodadamente combatendo contra os inimigos da civilização. Este preito é merecido não só pela apreciável colaboração prestada (...) às nossas tropas, dadas as suas excelentes qualidades guerreiras e a sua resistência ao clima (...), mas também porque, tendo recebido alforria de portugueses, assim devem ser tratados. (...) Os soldados indígenas (...) têm dado manifestas provas da sua coragem e da sua rápida adaptação à disciplina militar (...) e são dignos de figurar ao lado dos soldados europeus, não desmerecendo destes no valor e denodo com que batalham. A valentia das tropas indígenas, sobejamente comprovada pelos atos de bravura, causou a maior admiração a todos os que presenciaram a sua pertinaz resistência e sangue-frio”. Fotografias do fotógrafo amador (e “fotojornalista-cidadão”) Manuel Saragga Leal. (3 de Dezembro de 1917)



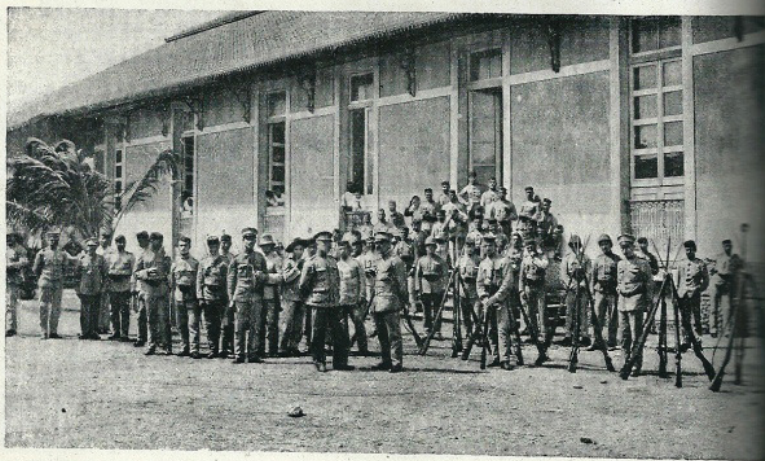
Fig. 34 – As forças colonialistas portuguesas tiraram partido das inimizades entre os povos africanos para, colocando uns contra os outros, exercerem o seu domínio em África. A fotografia do sargento das tropas coloniais José Francisco Paleta, mais um “cidadão-repórter”, refere-se a auxiliares da região do Andulo (Bailundo) “que em número de dois mil voluntariamente se ofereceram para com o seu soba cooperarem na submissão do gentio do Libôlo, já há muito em rebelião.” (17 de Junho de 1918, p. 468)

Contra os submarinos



Noticiaram já os jornais o tiroteio que as baterias de S. Vicente, de Cabo Verde, e as canhoneiras «Ibo» e «Beira» fizeram contra os submarinos alemães que pretendiam entrar na baía. Apresenta esta fotografia a força vinda no vapor «Moçambique», que ali desembarcou, abrindo trincheiras e colocando-se n'elas para defesa do cabo submarino. Tanto

mais é para registar o acto d'estes valentes quanto é certo que eles regressavam á metrópole por motivo de doença, comandados pelo capitão de infantaria sr. Antonio Joaquim Ferreira tendo por subalterno o alferes de infantaria Francisco Gonçalves Curono, sargento, Torres, artilharia, Peixoto, Almeida e Rito de infantaria.



A força em descanso depois do exercício

Fig. 35 – A frente colonial não se resumia a Moçambique e Angola. Os submarinos alemães acossaram Cabo Verde, possessão nacional que, conforme sugerem as imagens, os portugueses estavam prontos a defender. Aliás, o texto reforça essa ideia. É dito ao leitor que os soldados a que as imagens se referem estavam a regressar de Moçambique por motivo de doença, mas que, mesmo assim, se tinham posicionado em Cabo Verde para defenderem o cabo submarino dos submarinos alemães. (26 de Março de 1917)

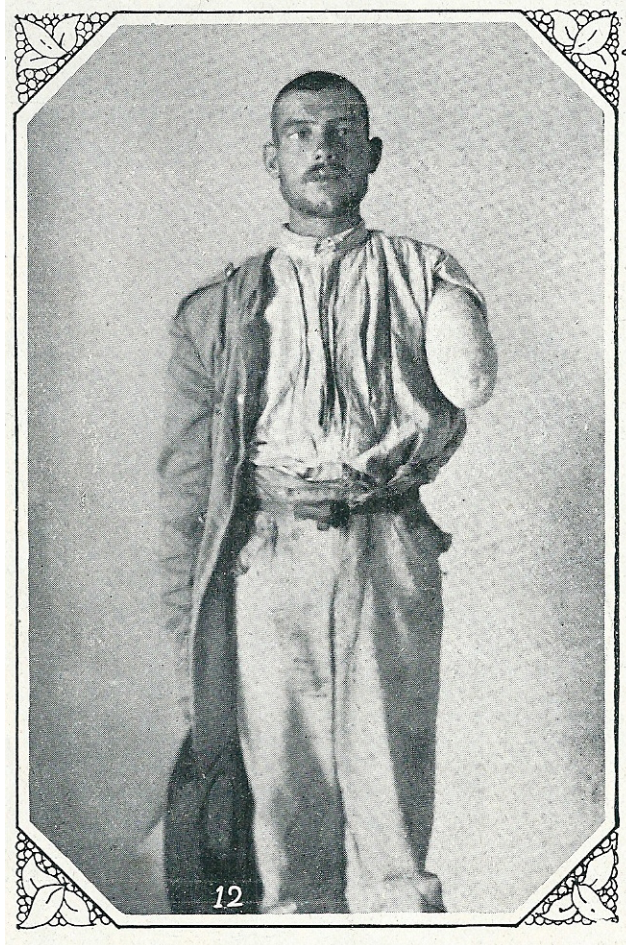


Fig. 36 – Augusto dos Reis, 1º clarim do esquadrão de dragões de Mossamedes, ferido no combate de Naulila. Fotografia do tenente Pires Balaya. A *Ilustração Portuguesa* também mostrava o resultado dos combates, explorando o *interesse humano* da situação. O facto de a notícia se centrar numa pessoa, o *sujeito emotivo da ação*, intensifica o interesse do leitor. O texto que complementa e ancora o sentido da imagem impressiona e intensifica o interesse humano criado a partir da fotografia: “regressou (...) um dos sobreviventes do combate de Naulila, o clarim Augusto Reis (...). Vem completamente arrasado pelas agruras que sofreu. Talvez pelo efeito do clorofórmio que lhe ministraram para lhe amputarem um braço, encontra-se quase cego, perturbado do cérebro e desmemoriado. São horrorosos os pormenores que aquele bravo conta do recontro dos portugueses com os alemães. Dos 85 homens que compunham a sua coluna, ficaram apenas o tenente Andrade, que foi preso pelo inimigo, ele e uns sete homens mais. Quando se dirigia para o forte, foi atingido por uma bala explosiva que lhe esfacelou um braço. Transido de dores, pôs-se em fuga (...), andando errante uns oito dias (...). Passado esse tempo, encontrou um grupo de negros que o roubaram e lhe infligiram maus-tratos, não se condoendo com a sua situação, com fome, com dores, com o braço já cheio de bichos pela podridão. Ao fim de mais sete dias (...), foi pensado na missão de Chipalongo e três dias depois estava em Gambos, onde foi operado (...)” (5 de Abril de 1915)

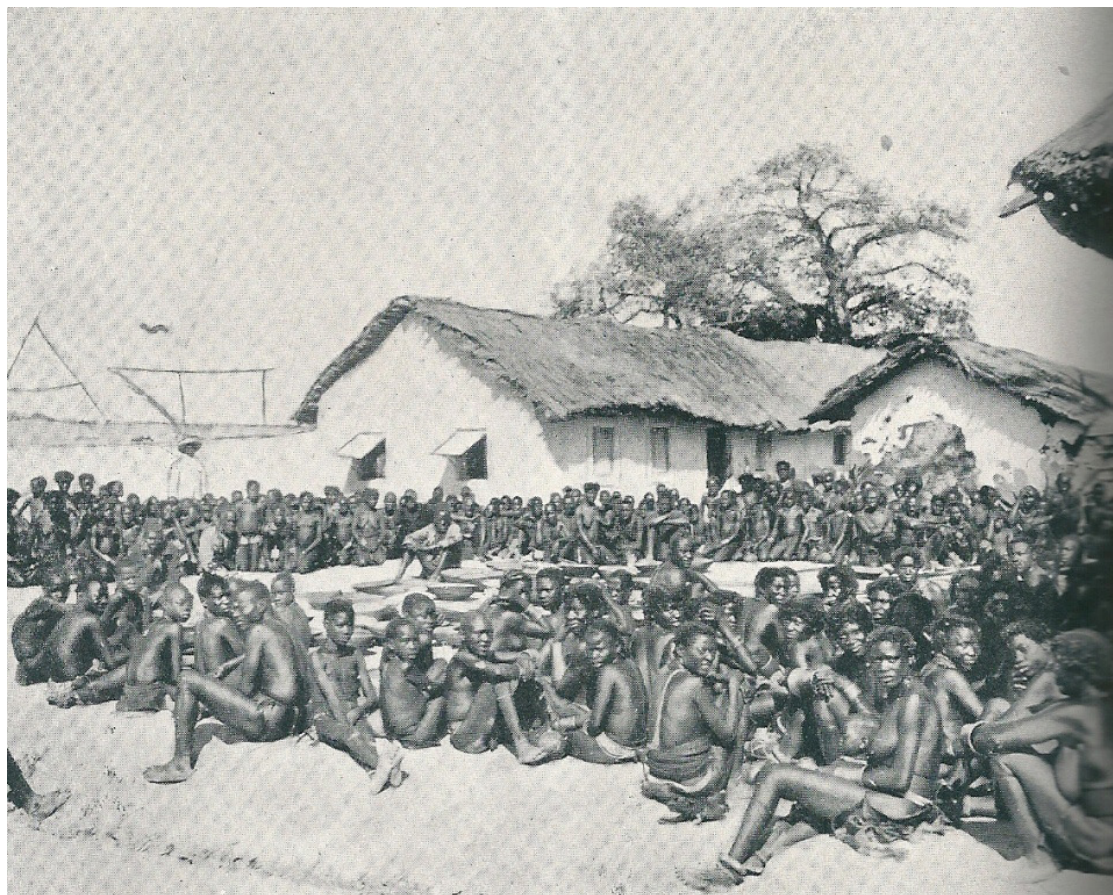


Fig. 37 – Em todas as guerras os civis sofrem e em Angola não houve exceção. Entre os povos africanos de Angola, alguns sublevaram-se, por instigação das forças alemãs, combatendo os portugueses e outros povos nativos; outros, como os da imagem, procuraram abrigo nos fortes. Na fotografia, observam-se alguns angolanos que se refugiaram no forte de Cuamato. Para os portugueses, a imagem, obtida pelo tenente-coronel Carolino Cordeiro, eventualmente traduziria exotismo. Mas não deixa de recordar, também, que verdadeiramente Angola não era portuguesa, mas sim dos povos africanos oprimidos pelos colonialistas. (8 de Fevereiro de 1915)



Fig. 38 – Grupo de prisioneiros africanos que combatiam pelos alemães em Moçambique. Segundo revela a *Ilustração Portuguesa*, o indivíduo assinalado com um X foi acusado de ser um espião e fuzilado pelas forças portuguesas, ação que a revista considerou “indispensável para sustentar a nossa autoridade perante aqueles povos, tão facilmente subornáveis”. Fotografia do tenente de artilharia José de Melo, encarregado da secção fotográfica da expedição a Moçambique. (12 de Agosto de 1918, pp. 133-134)

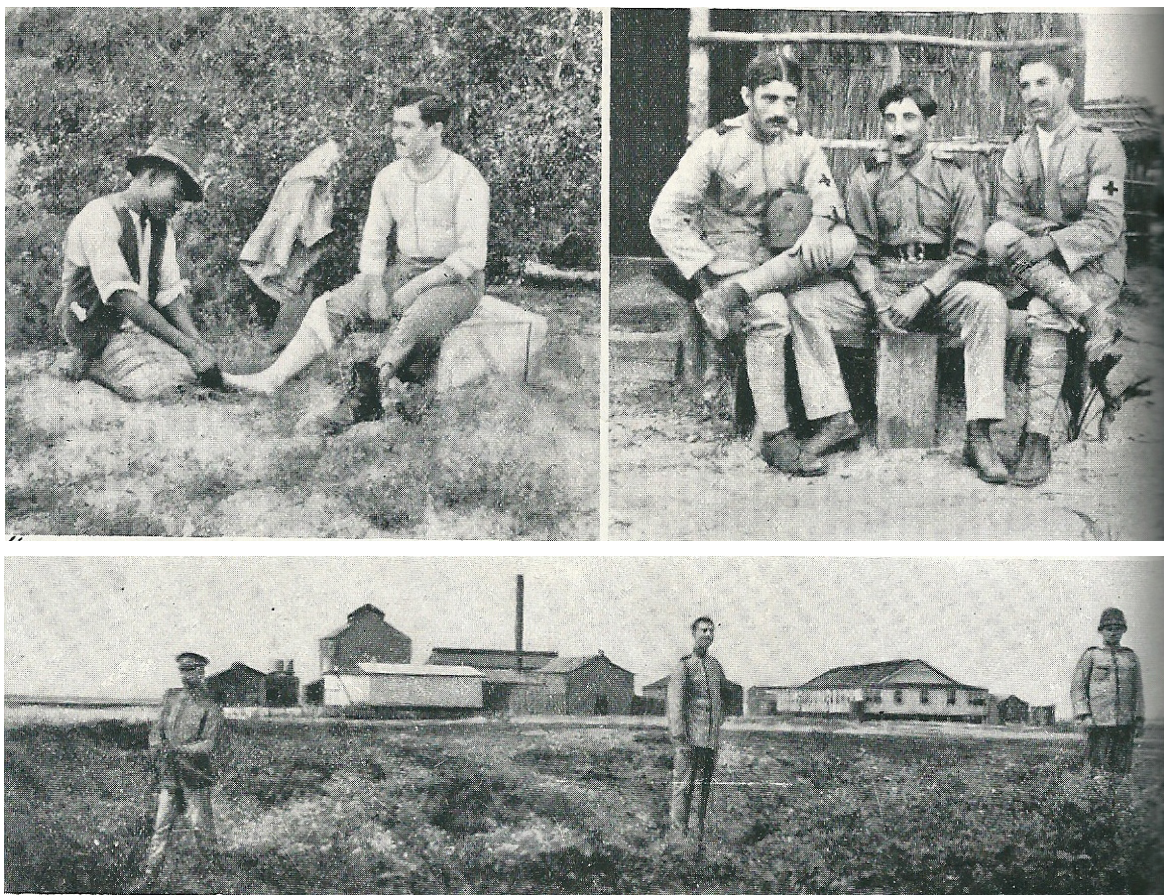


Fig. 39 – Hospital militar em Moçambique. Procurava demonstrar-se que os feridos na frente colonial eram bem tratados e poderiam convalescer em segurança. (28 de Janeiro de 1918)



Fig. 40 – As forças portuguesas empregaram aeroplanos na frente colonial, embora, por vezes, com consequências funestas. Na imagem, os destroços de um avião pilotado pelo alferes Gorgulho, depois de um acidente no qual este oficial perdeu a vida. Fotografia do tenente de artilharia José de Melo, encarregado da secção fotográfica da expedição a Moçambique. (12 de Agosto de 1918)

De regresso à Pátria

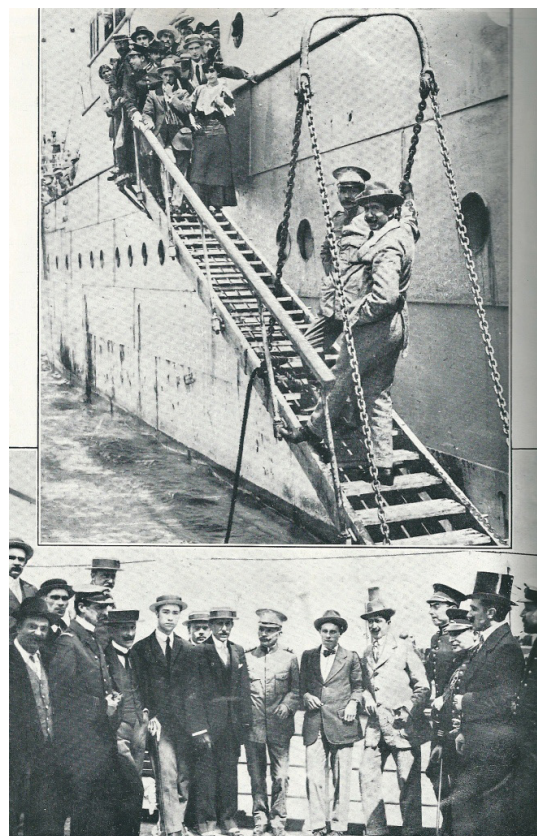


Fig. 41 – Várias fotografias da *Ilustração Portuguesa* relativas aos combates nas colónias portuguesas registam o regresso das tropas a Portugal – “De regresso à Pátria”. Evocando cenas semelhantes às da partida (na verdade, se as legendas não denotassem as imagens, seria difícil distinguir se diriam respeito à partida e à viagem de ida, ou à viagem de regresso e à chegada), as fotografias do regresso dos combatentes portugueses simbolizam, principalmente, a ideia de um certo regresso à “normalidade”. Os “heróis” gozavam de um repouso bem-merecido. (30 de Agosto de 1915)



Fig. 42 – Sessão de homenagem aos soldados que combateram em Naulila, realizada no Coliseu, em Lisboa, no início de Setembro de 1915. Nesta altura, já algumas das tropas enviadas para as colónias tinham regressado ao país. A *Ilustração Portuguesa* não tinha dúvidas: tratava-se de celebrar os “heróis de Naulila”, mais concretamente os tenentes Marques e Andrade “e algumas praças” (sintomaticamente sem menção de quaisquer nomes – eram “apenas” soldados rasos), apesar destes terem participado somente em combates menores. (6 de Setembro de 1915)

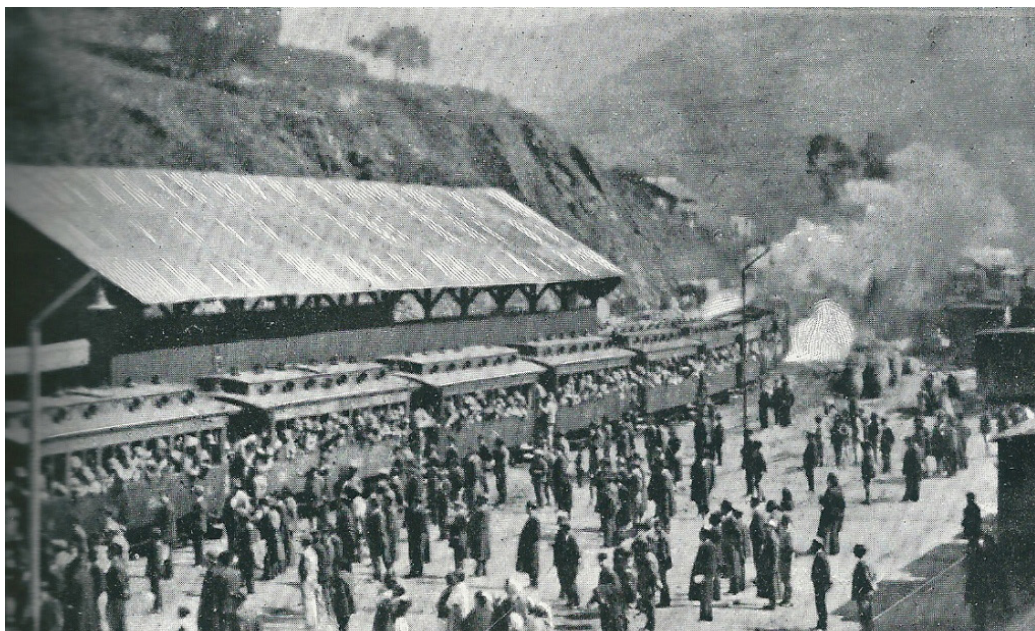


Fig. 43 – Regresso de tropas expedicionárias a África na estação da Régua. Fotografias do fotógrafo amador António Teixeira. O plano geral apenas sugere a azáfama própria de uma estação ao surgir um comboio, sendo necessária a legenda para denotar o significado da imagem e para o conotar, simultaneamente, com o alegado “entusiasmo” que grassaria em Portugal numa altura em que a guerra contra a Alemanha já tinha sido declarada: “Chegada dos expedicionários. O desembarque no meio de calorosas aclamações do povo”. Mas impor esse enquadramento à leitura da fotografia não bastou para a *Ilustração Portuguesa*. A revista quis vincar a ideia de que o país poderia estar orgulhoso dos feitos das tropas e, indiretamente, prometia aos soldados que seriam recebidos com honras e homenagens: “Tiveram um acolhimento festivo os expedicionários que regressaram de África (...). Na Régua, o entusiasmo foi enorme, recebendo soldados e oficiais as mais carinhosas saudações do povo agradecido pelos seus rudes e penosos trabalhos nas regiões de África para manterem a integridade do nosso território e levantarem bem alto o nome português.” (8 de Maio de 1916)

Major Afonso Pala

O major de artilharia Afonso Pala, que foi um dos mais dedicados revolucionários de 5 de outubro, foi também um patriota de reconhecido mérito que caiu nos campos de batalha da nossa África, ferido por uma traiçoeira bala dos alemães. A pátria pagou-lhe o seu tributo de admiração e respeito prestando-lhe uma última homenagem: trasladando para a metrópole o seu cadáver e realizando, com a



maior homenagem, a seu funeral, a que assistiram o governo, as autoridades de instrução militar, prepararam muitas corações etc., etc., quando se o sr. presidente da República representado pelo sr. secretário de Estado, sr. Luís Botelho da Costa, pelas ruas de onde o cortejo passou em grande aglomeração popular, que se descobriu a passagem do cortejo.

O ministro e representante do Chefe do Estado



Fig. 44 – Funeral de estado do major Afonso Pala, morto por uma “traiçoeira bala dos alemães” (as balas germânicas eram *traiçoeiras*, as portuguesas certamente que não...), cujo corpo foi trasladado de África. As imagens prometiam que mesmo mortos os que morriam combatendo pela pátria não seriam esquecidos. (20 de Novembro de 1916)



Fig. 45 – A partir de meados de 1915, algumas das fotografias da *Ilustração Portuguesa* representam a “normalidade” colonial. Na imagem, autoridades coloniais fotografadas por ocasião da criação do novo distrito do Cuanza, em Angola. (13 de Setembro de 1915)



Fig. 46 – Um militar português e um líder africano posam com os seus colaboradores. A fotografia do fotógrafo-amador e “cidadão-repórter” Peres Faro sugere pacificação, convivência e até mesmo uma certa igualdade entre as autoridades coloniais e os chefes tradicionais. (12 de Novembro de 1917)

A pacificação da província d'Angola

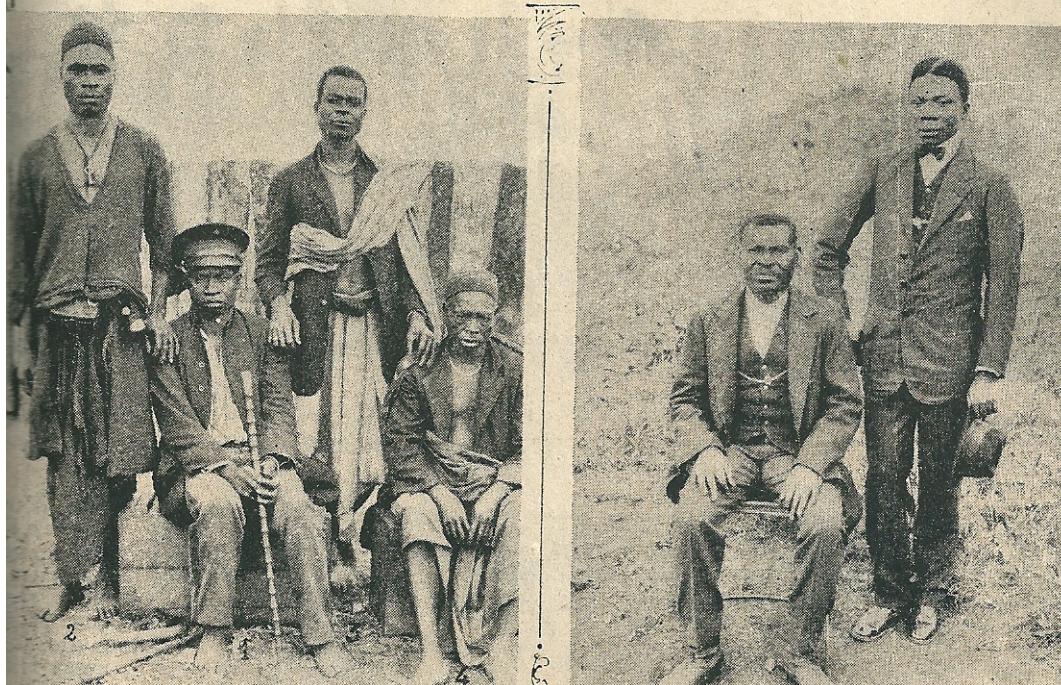


Fig. 47 – Estas fotografias do fotógrafo amador Peres Faro relembram que Portugal teve por si naquilo que eufemisticamente foi designado por processo de “pacificação da província de Angola” africanos ocidentalizados, alguns deles estranhamente vestidos com uma mistura de roupas ocidentais, das quais se apropriaram culturalmente, e locais, e líderes tribais. A revista *Ilustração Portuguesa*, dando visualmente atenção a particularidades contextuais da vivência africana, contribuía para orientar a visão que o leitor fazia da guerra em África. (19 de Novembro de 1917)

No sul d'Angola



Almoço dos oficiais no Humbe, nas ruínas de uma casa que o gentio saqueou e incendiou.

Esses sacrifícios, porém, tem sido e continuam a ser compensados por um trabalho diligente e criterioso de ocupação, que muito nos honra.



Foi rude a valer a nossa luta no sul d'Angola. Repararam-se os grandes

contra os alemães e contra os indígenas que eles conseguiram sublevar contra nós. Perderam-se muitas vidas e fizeram-se grandes sacrifícios de dinheiro em material de guerra, roupas, calçado e mantimentos, tendo-se estragado uma considerável quantidade d'estes, por falta de condução para o interior. Ainda hoje se vêem em Mossamedes depositados na praça muitos volumes contendo uma variedade de fornecimentos, já inaproveitáveis, para os nossos soldados.

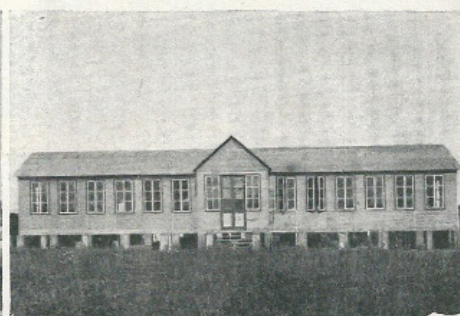


2. O tenente medico sr. José Francisco Cesar Junior. — 3. O pessoal do hospital militar do Humbe.

estragos materiaes, erguem-se edificações novas



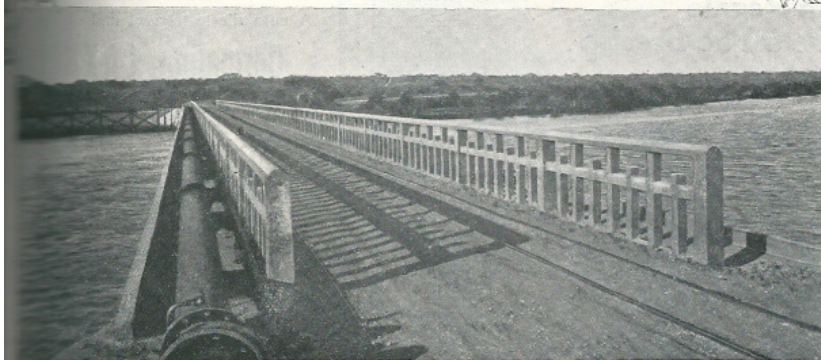
Uma igreja da antiga missão alemã transformada em caserna.



O novo hospital do Humbe

Fig. 48 — Evocação da reconstrução e reocupação do sul de Angola pelos portugueses depois de vencidos os alemães e os rebeldes africanos. Uma certa normalidade parecia retornar a essa colônia portuguesa. As fotografias são da autoria do tenente médico José Francisco César Júnior, que as enviou por iniciativa própria para a *Ilustração Portuguesa*, o que comprova que a revista estava receptiva ao “fotojornalismo-cidadão” ou ao “documentarismo-cidadão”. Como agradecimento, a *Ilustração Portuguesa* classifica esse médico militar como “distinto fotógrafo amador”. (28 de Maio de 1917)

Lourenço Marques



A vasta e importante capital da nossa África do oriente tem passado nos ultimos anos por transformações que a tornam um dos primeiros

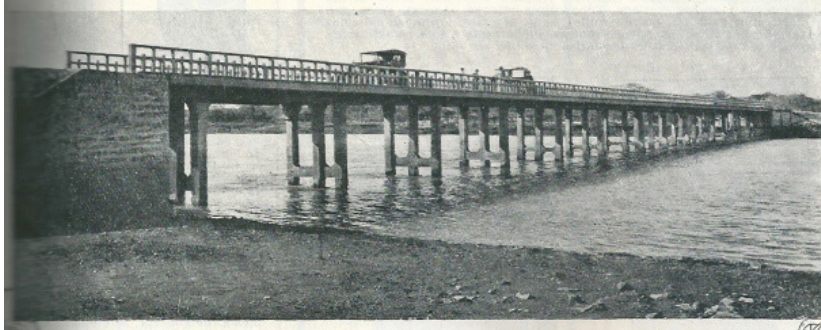
Marques a Goba, construída sob a direção do ilustre engenheiro sr. Sá Carneiro, a cargo de quem está ha anos a direção do porto e dos



empórios do sul africano. O seu comercio com a costa e com os grandes centros dos outros estados, bem como com a Europa, tem-se desenvolvido e consolidado muito, graças aos melhoramentos do seu belo porto e das suas ligações com o interior.

Demos hoje uns aspétos da grandiosa ponte, em cimento armado, da estrada de Lourenço

caminhos de ferro. O nosso amigo, que tem dado sempre as mais brilhantes provas da sua alta competencia tecnica, tanto em serviços publicos como em particulares, põe todo o seu saber, atividade e patriotismo em deixar assinalado de uma fôrma inconfundivel o desempenho do seu alto cargo em Lourenço Marques.



1, 2 e 3. Aspétos da grandiosa ponte, em cimento armado, da estrada de Lourenço Marques a Goba, construída sob a direção do ilustre engenheiro sr. Sá Carneiro.

Fig. 49 – Após a ultrapassagem da fase mais sangrenta do conflito com a Alemanha em África, a *Ilustração Portuguesa* protagonizou um discurso iconográfico legitimador e justificador do colonialismo português. Era importante demonstrar às potências europeias e à população nacional que Portugal ocupava efetivamente as suas colónias e que as desenvolvia. (4 de Fevereiro de 1918)

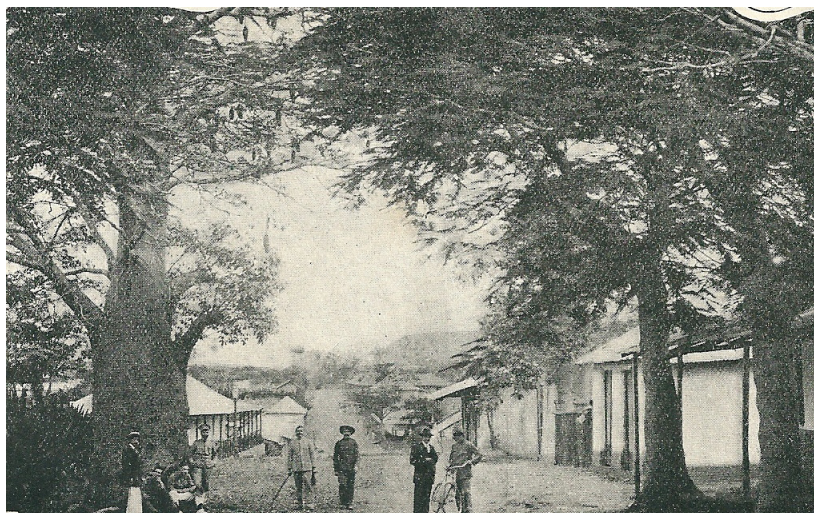
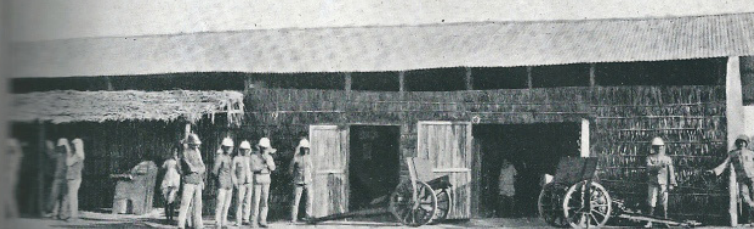


Fig. 50 – As riquezas coloniais estão aí, à mão de semear, para quem for suficientemente ousado para arriscar, é a mensagem que estas fotografias de uma Angola “pacificada” parecem transmitir aos leitores da *Ilustração Portuguesa*. (13 de Setembro de 1915)

A OCUPAÇÃO DE KIONGA



Porto Amelia. — Parque das peças Canet, vendo-se á esquerda parte da caserna com paredes de bambu e alpendre de macuto

A nossa Bahia de Kionga, na Africa Oriental, fôra brutalmente, contra todo o direito, occupada pelas tropas alemães em 1894. A afronta ainda não havia sido vingada, reavendo Portugal a bela porção de costa que lhe haviam roubado. Uma e outra coisa conseguiram agora, ao cabo de 22 anos, as armas portuguezas cobrindo-nos de gloria, e especialmente as forças expedicionarias de Porto Amelia, do comando do valente tenente-coronel Moura Mendes, que obraram tão memoravel façanha.

Depois da declaração de guerra, é a primeira vez que nos defrontamos com o nosso inimigo de armas na mão. Iniciamos, pois, a luta por uma vitoria, e brilhante. Não podia haver maior alegria para o paiz, nem maior estimulo para os que teem de continuar essa luta.



Aspecto da povoação do Porto Amelia, vendo-se a entrada da praia no alto, onde está a residencia do governador, as repartições e o acampamento — (Clichê do distinto capitão de artilharia, sr. Norberto Guimarães, oferecidos a *Ilustração Portuguesa*, que publicará no seu proximo numero outros do mesmo illustre official, que tão relevantes serviços tem prestado em Porto Amelia como comandante da bateria).

Fig. 51 — A notícia da reconquista de Quionga, no norte de Moçambique, no momento da declaração de guerra da Alemanha a Portugal, serviu para exaltar o fervor patriótico e para preparar os espíritos para a participação de Portugal na frente europeia. A notícia da vitória — martelada ao longo de vários números da *Ilustração Portuguesa* — parecia transmitir a ideia de que mesmo os soldados de um pequeno país como Portugal poderiam bater os germânicos se agissem corajosa e audaciosamente. No entanto, os portugueses, na realidade, não conseguiam dominar as forças germânicas em Moçambique, que usavam táticas de guerrilha. (17 de Abril de 1916)



Fig. 52 – Uma companhia em operação no norte de Moçambique posa para a fotografia quando prepara uma palhota para acantonamento. A guerra continuava na frente africana. A imagem é da autoria de Peres de Faro, fotógrafo do 3º batalhão de Infantaria 29. (6 de Maio de 1918)

BELA LIÇÃO PATRIOTICA

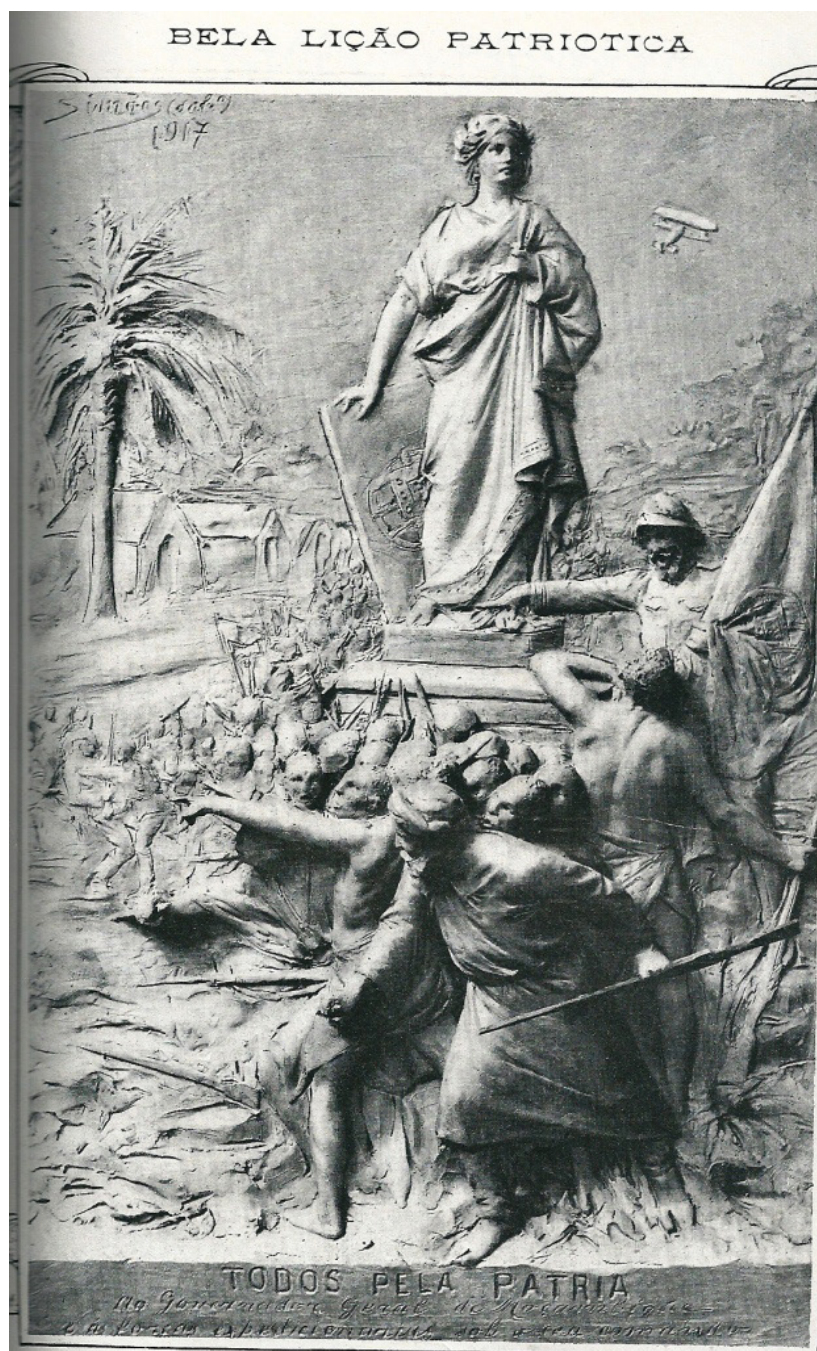


Fig. 53 – Fotografia do desenho de uma escultura de homenagem aos soldados portugueses, incluindo aos combatentes africanos. Estes merecem uma referência elogiosa – segundo o jurista José de Castro, que assina o texto, “defendendo com o seu sangue a bandeira nacional, conquistam o direito de chamar também sua a Pátria Portuguesa” (3 de Setembro de 1917, p. 197).

da praça de Quionga, precisamente quando a Alemanha declarou guerra a Portugal (fig. 51).

Considerações finais

Uma primeira interpretação dos dados recolhidos sugere que a *Ilustração Portuguesa* alinhou editorialmente – nas imagens e no texto – com as políticas oficiais dos ministérios que se sucederam no poder entre 1914 e 1916. Ainda assim, o discurso visual sobre a frente colonial portuguesa na Grande Guerra protagonizado pela *Ilustração Portuguesa* assumiu, em larga medida, a forma de um *panegírico* não ao poder mas sim ao soldado português e às forças armadas portuguesas. De facto, a generalidade das fotografias sobre a frente colonial portuguesa na Grande Guerra publicadas pela revista documenta temas similares – as operações militares, a vida nos aquartelamentos, a partida, a chegada ao destino e o regresso de soldados a Portugal, os rostos e as figuras dos soldados... Assim, apesar de existir um toque de exotismo nas imagens das paragens e gentes de África, relativamente estranhas ao quotidiano da metrópole, de algum modo a iconografia da guerra nas colónias – promovidas a províncias ultramarinas – acentuou visualmente, talvez mais na metrópole do que nos territórios coloniais, a ideia de unidade entre o Portugal “d’aquém mar” e o Portugal “d’além mar”. Disseminava-se, pois, a ideia de que as colónias eram parte integrante do território nacional e construía-se a noção identitária – que terá perdurado em Portugal pelo menos até à descolonização – de que a comunidade (imaginada) portuguesa era multiétnica e multiterritorial.

De destacar, em acréscimo, que o emprego de soldados africanos na frente colonial foi visualmente realçado pela *Ilustração Portuguesa* – sugerindo que Portugal poderia usar os próprios africanos “amistosos” para reprimir as sublevações e intensificar a sua própria política colonialista.

O texto da *Ilustração Portuguesa* e algumas imagens acentuam, porém, o estereótipo da inferioridade dos africanos face aos colonizadores, que, igualmente de acordo com o sentido sugerido pelo discurso desta publicação, estariam imbuídos de uma alegada missão civilizadora em África, traduzida, paradoxalmente, na construção de infraestruturas destinadas a intensificar o colonialismo e a exploração das riquezas africanas em proveito da metrópole. O colonialismo justificava-se e legitimava-se visualmente...

A *crónica visual* da frente colonial portuguesa durante a Grande Guerra proposta ao leitor pela *Ilustração*

Portuguesa reforçou, pois, o texto escrito, não apenas porque contribuiu para glorificar os combatentes portugueses em geral (mais do que de forma individualizada) mas também porque sugeriu que o pequeno país que era e é Portugal lutava, à luz do direito internacional de então, contra o “militarismo” agressivo e expansionista alemão e pela “liberdade” dos países e dos povos (leia-se, dos povos ocidentais ou ocidentalizados, não dos povos colonizados).

Os portugueses, de acordo com *Ilustração Portuguesa*, poderiam, portanto, estar orgulhoso dos seus soldados, que combateriam pelo triunfo das políticas geoestratégicas que mais interessariam ao país e à república e, em especial, pela manutenção da posse das colónias africanas, cobiçadas pelos alemães mas tidas por reserva estratégica de Portugal.

Finalmente, algumas considerações poderão ser feitas sobre as fotografias de guerra publicadas na *Ilustração Portuguesa*:

1. Nota-se uma evolução estética no fotojornalismo, apoiada no progresso tecnológico (objetivas mais luminosas, películas mais sensíveis, equipamentos mais portáteis e simples de manejar), o que se traduz, nomeadamente, no destaque dado às fotografias cândidas (apenas no *exterior*, já que o flash – mesmo o de magnésio – ainda não estava suficientemente desenvolvido) e às fotografias de ação em prejuízo das fotografias posadas (que, não obstante, constituem a maioria das imagens).

2. Algumas imagens “de ação” são, provavelmente, encenadas. Os leitores da *Ilustração Portuguesa* terão sido, em alguns casos, levados a pensar que, graças à mediação fotográfica, estavam a contemplar imagens representativas de *acontecimentos*, quando estavam, na realidade, a contemplar imagens representativas de *encenações de acontecimentos*.

3. Os fotógrafos – tal como os ilustradores faziam – assinaram parte das fotos que produziram e que foram publicadas na *Ilustração Portuguesa*, sinal de que se consideravam tão *autores* quanto os redatores (que, paradoxalmente, só em situações particulares assinavam os textos que produziam – a revista seria por eles entendida como *obra* coletiva). Para muitos deles, particularmente para os fotógrafos amadores e profissionais que enviaram espontaneamente fotografias para a *Ilustração Portuguesa*, o *reconhecimento* constituiria a *recompensa* pelo seu envolvimento neste processo particular de comunica-

ção (embora fotojornalistas como Joshua Benoliel também tivessem uma recompensa financeira pelo trabalho que desenvolviam e do qual dependiam para viver). Alguns foram autênticos cidadãos-foto-repórteres muito tempo antes de nascer este conceito.

All Wars. *In*: Brennen, B. e Hardt, H. (eds.): *Picturing the past*. Chicago: University of Illinois Press, 1999, p. 182-205.

Recebido: 04/02/2013

Aprovado: 15/03/2013

Referências bibliográficas:

BEURIER, J. Death and material culture: the case of pictures during the First World War. *In*: Saunders, N. J. *Matters of conflict*. Material culture, memory and the First World War. London: Routledge, 2004, p. 109-122.

BEURIER, J. La Grande Guerre, matrice des médias modernes. *Le Temps des Médias*, 4, mai 2005: 162-175.

BEURIER, J. *Images et violence 1914-1918*. Quand le miroir racontait la Grande Guerre... Paris: Nouveau Monde Éditions, 2007a.

BEURIER, J. Les images de la violence et le mythe de l'expérience de guerre dans les presses illustrées française et allemande en 14-18. *In*: Guillon, H. e Laithier, S. (dir.), *Cahiers Alberto Benveniste*, 2, janvier 2007. Paris: Le Manuscrit, 2007b.

CARMICHAEL, J. *First World War Photographers*. London: Routledge, 1989.

EISERMANN, T. Wahrheit oder Pflicht? Der erste Weltkrieg in der Deutschen Presse-Photographie. *In*: Thilo, E. (dir.), *Von der macht des wortes zur macht der bilder*. Hamburg: Ingild Kämpfer Verlag, 1998.

GERHARD, P. *Bilder des krieges, krieg der bilder*. Die visualisierung des modernen krieges. Paderborn: Ferdinand Schöning Verlag, 2004.

GRIFIN, M. The Great War Photographs: Constructing myths of history and photojournalism. *In*: Brennen, B. e Hardt, H. (eds.): *Picturing the past*. Chicago: University of Illinois Press, 1999, p. 122-157.

PROENÇA, C. e MANIQUE, A. P. *Ilustração Portuguesa*. Lisboa: Alfa, 1990.

RAMOS, R. (coord.), SOUSA, B. V. e MONTEIRO, N. G. *História de Portugal*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2009.

SPENCER, D. R. (1999): *Canada and the War to End*